

Henrique José Castelo Branco



VIVA
PARIS !!!

Fevereiro/2003

Prefácio

Este livro começou como uma brincadeira que foi ganhando espaço e colaborações no decorrer do tempo. Estava sentado na sala de minha casa no início de 1997 quando olhei para um quadro na parede e fiquei a me perguntar que caminhos aquele quadro trilhou para estar ali. Sabia que havia sido de uma tia minha que ao falecer o deixou para meu pai e mais nada. Então fiquei divagado em torno de sua história e disto surgiu a idéia para um livro.

Como sempre fui ligado a tecnologia e comunidades, lancei a idéia de um livro escrito pela comunidade que me relacionava pela Internet e o retorno foi mínimo. Apenas um dos integrantes se motivou. Convidei-o para uma passada em minha casa alguns dias depois e lhe repassei as primeiras páginas. Ele gostou e fez algumas considerações e deu algumas idéias. Em parte, devo a esse amigo a motivação que não deixou a idéia morrer por falta de “eco”. Obrigado Fernando Santos! O amigo “Lugguer”.

Porém, o ímpeto inicial morreu pouco depois. Meses depois, já morando em outra cidade, retomei a escrita chegando até um ponto avançado da história, mas o final não vinha. E assim ficou a obra. Parada e esperando pelo final. Passado mais de seis anos, coincidentemente depois de outra mudança de cidade, fui incitado por minha esposa Denise a terminar a história e nisso me veio a inspiração que deu um fim à obra inacabada.

Então é isso. Espero que gostem e mergulhem nessa interessante história que tem um grande segredo e muita ação.

Henrique José Castelo Branco
Janeiro/2006

PARIS - 1944

Coronel Andréas, um dos oficiais SS responsáveis pelo controle da Paris ocupada, era um homem inteligente e artiloso, além de ter como meta de vida, um futuro com muita riqueza, poder e tranqüilidade. A cada dia que passava, ele aumentava sua insegurança com relação ao destino da Alemanha, passando a crer na possibilidade da derrota e de uma retaliação destruidora dos aliados. Qual seria seu futuro em uma Alemanha derrotada, massacrada e ocupada pelos inimigos? Com certeza seria dos piores. E se a Alemanha vencesse? O que seria de um ex-militar que passou anos longe de seu país? Quais seriam suas oportunidades? Haveria chances de ter poder e dinheiro? Havia possibilidades, mas muitas incertezas.

Pensando nisso, iniciou um “pé de meia” secreto. Fazendo uso de suas credenciais e de sua patente militar, começou a separar para si uma parte dos diamantes que eram colhidos das casas dos franceses. A certa altura, já com uma quantidade razoável de pedras, o problema já passou a ser: O que fazer com essa fortuna? Se for pego com as pedras, seria executado por roubo e traição à Alemanha. Se a Alemanha perdesse, iria acabar capturado e sem os diamantes.

Tinha de bolar um plano que lhe assegurasse o futuro desejado, sem riscos de perder as pedras. Usando todo seu estrategismo militar, acabou por bolar um plano bastante simples e eficaz. A idéia era esconder as pedras em um quadro, deixá-lo em local seguro e, se necessário, enviá-lo para um país distante, sob o cuidado de amigos, que nada saberiam com relação às pedras. Terminada a guerra, era só pegar o quadro, retirar os diamantes e viver no luxo pelo resto de sua vida. O plano tinha algumas possibilidades de falha, que exigiam medidas de segurança e garantias. A primeira era localizar uma pessoa desejosa de sair da Europa com a família em virtude da guerra. A segunda era identificar nos artistas locais alguém capaz de pintar o quadro e que tivesse filhos; A terceira, identificar algum marceneiro capaz de fazer o serviço de introdução dos diamantes na moldura do quadro, de uma maneira perfeita e imperceptível.

Iniciou a busca desses três elementos, usando todo seu poder e influência. Em pouco tempo, já tinha em mãos as três peças-chaves para seu plano. Contatou com uma família de Alemães que havia se estabelecido na França bem antes da guerra e que andava sofrendo tanto pelo ódio dos franceses da vizinhança, como pelos soldados alemães, que não gostavam de ver um Alemão casado com uma francesa e com um filho que só sabia se

expressar em Francês. Essa família, a família Stutz, tinha em Jurgen seu chefe e em sua esposa Sophie e no filho Pierre o perfil exato que Andréas precisava para seu projeto.

Localizou também o eficiente marceneiro Michel Croust, com grandes problemas financeiros, derivados da bebida e de suas várias amantes, e um excelente pintor impressionista, capaz de fazer o quadro que ele tanto desejava. Ele era viúvo e tinha uma filha de seis anos, que era tudo em sua vida.

Numa manhã chuvosa, entrou pela casa de Cenigatte, o pintor, derrubando a porta e acompanhado de meia dúzia de soldados. Sem muito conversar, foi logo pegando a jovem Marie Gorette, que entre gritos e pontapés, pode presenciar o pai levar uma coronhada de uma Luger em sua testa, abrindo um feixe de sangue que lhe escorreu por todo o rosto. Já sozinho dentro da casa, tendo apenas o pintor meio zozzo a sua frente, ele expôs o seu plano.

Disse ao pintor que ele tinha alguns dias para entregar um quadro que retratasse Paris, que depois de emoldurado lhe seria devolvido, ficando em seu poder até que ele retornasse para buscá-lo. Caso a guerra acabasse e o quadro ainda estivesse com ele, ele deveria aguardar exatamente um ano e enviar a obra para o endereço que lhe seria passado junto com o quadro nos próximos dias. No dia em que entregasse ou enviasse o quadro, teria notícias de sua filha e o endereço em que deveria buscá-la. Se perdesse o quadro ou não cumprisse essas instruções, nunca mais veria a filha Marie Gorette.

Alan Cenigatte, ainda meio tonto e com muita dor, ouviu aquelas palavras, achando que era algum tipo de pesadelo. Como que sua vida pode ser tão agredida em tão pouco tempo e de uma maneira tão intensa e agressiva. Que saída teria ele a não ser cumprir a risca as instruções que recebera? Não havia saída. Teria de acreditar na palavra do SS e rezar para que tudo desse certo e ele tivesse sua filha de volta.

Pegou a tela que estava preparando para pintar e iniciou uma obra, que mostraria uma cena comum de Paris. Se entregou com afinco ao trabalho, que acabou carregado de emoção e com uma imensa carga de impressionismo. A cada borrão de tinta, quase como que por mágica, se viam pessoas andando apressadamente em uma tarde chuvosa e fria de outono. Folhas voando, os prédios típicos e antigos, o boulevard e muitas cores, que davam vida a essa especial obra de Cenigatte. Em dois dias intensos de trabalho, exausto e com grande tristeza no coração, acabou se entregando ao cansaço e dormindo profundamente.

Acordou, ainda em dúvida se não fora tudo um sonho ruim, mas pela sua sujeira e manchas de sangue seco, pode logo ver que era tudo verdade. Tomou um banho quente e demorado, com a cabeça a mil e um sentimento de imobilização. Ligou para o número deixado pelo coronel e comunicou que a obra estava pronta. Em poucas horas, recebe a visita de guardas alemães que levaram o quadro e pediram que ficasse quieto e aguardasse por novas notícias. Ceni-gatte senta-se à mesa, acompanhado de uma garrafa de vinho e põem-se a chorar.

Os soldados, acompanhados do coronel que aguardara no carro, se dirigiram para a residência do marceneiro Michel. Interrompem seu almoço, dando-lhe o maior susto. O coronel Andréas entra no sobrado, tendo na mão o quadro, senta-se à mesa com o marceneiro e lhe faz a proposta de trabalho. Oferece-lhe uma excelente quantia pelo serviço, exigindo perfeição e sigilo absoluto. O assustado e grande devedor Michel não titubeou nem por um minuto em aceitar a proposta. Prometeu fazer a moldura ainda no dia, pedindo que o Coronel voltasse a noite para buscá-la. Trabalhou como um artista, fez encaixes perfeitos e, em ambos os lados da moldura, fez compartimentos secretos imperceptíveis. Encaixou o quadro e, enquanto apreciava a pintura, alguém bate em sua porta. Foi abrir, na expectativa de que fosse o Coronel, porém, era Valerie, sua amante mais querida. Ela foi entrando e, pendurada no pescoço de Michel, foram para o segundo andar, exercitar a arte do amor. Em menos de uma hora, são interrompidos por fortes batidas na porta. Michel pede a Valerie que fique escondida e que de maneira nenhuma revelasse sua presença em sua casa. Iria descer para tratar de negócios e tão logo resolvesse a questão, iriam sair para comemorar.

Vestindo-se rapidamente, Michel desce as escadas e abre a porta. Andréas entra deixando dois soldados à porta e vai direto para o quadro. Fica encantado com a beleza e qualidade do trabalho de Michel, elogia-o dizendo que seu “último” trabalho foi magistral. Pede a Michel para fazer uma mistura de cola e serragem, que depois seria acrescida dos diamantes e colocada nos compartimentos que foram inseridos na moldura de uma forma perfeita e sem a menor condição de identificação. Enquanto Michel trabalha, Andréas houve um barulho no segundo andar da casa. Sobe com a luggem em punho e dá uma busca nos aposentos. A única coisa diferente que vê é um gato que salta pela janela ao vê-lo entrar abruptamente em um dos quartos. Ainda desconfiado, o coronel desce a escada e observa Michel alterando a cor do fundo da moldura, escondendo definitivamente os traços dos encaixes. Coronel Andréas pega o quadro, olha-o com cuidado, coloca-o

sobre a mesa e, ao mesmo tempo, retira seu revólver da cintura e dispara um tiro certo na frente de Michel que cai sobre a mesa deixando uma mancha de sangue a sua volta. O Coronel pede aos soldados para entrarem, pegarem o quadro e o levarem para o carro.

Agora sim, o quadro estava pronto para virar seu passaporte para uma vida de paz, dinheiro e poder, em algum lugar desse mundo. A seu ver, o plano estava a mil maravilhas, porém havia algo que ele não sabia. Valerie, que se escondera dentro de um armário enquanto Andréas vasculhava o quarto, ficara à porta do quarto e, pela fresta da porta, pode ver o Coronel, toda a cena e os acontecimentos. Na verdade, não pode ver com clareza a imagem do quadro, mas viu que era colorido e que tinha um quadrado amarelo em seu lado esquerdo. Apesar do medo, permaneceu quieta, morrendo de medo e com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Andréas sai apressadamente da casa de Michel, tendo como destino a casa do pintor Cenigatte. Chegando lá, entregou a obra para o pintor, e lhe disse para guarda-la com o máximo de cuidado e segurança, ficando com ela até que ele viesse buscá-la. Caso não aparecesse até um ano após o término da guerra, ele deveria embalar o quadro e enviá-lo para o endereço que estava lhe passando, de um amigo residente na cidade de Curitiba, no longínquo Brasil. Em qualquer das hipóteses, ao entregar o quadro, teria notícias e o endereço para ir buscar a filha.

O coronel passou pelo local em que tinha deixado Marie Gorette cativa e a pegou. Enquanto se dirigia à casa dos Stutz, foi conversando com a menina, explicando que ela iria fazer uma viagem com uma família, e que ela um dia voltaria para a casa de seu pai, mas que para isso acontecer, ela teria de ser boazinha e não causar problemas, senão, nunca mais veria seu pai. A garota, em meio às lágrimas e sem condições de falar, apenas balançou a cabeça, dando a entender que tinha compreendido tudo.

Jurgen, o chefe da família Stutz, esperava na porta da casa, que ficava nos arredores de Paris. Recebeu a criança e o endereço da casa em que deveria residir no Brasil enquanto aguardaria notícias do coronel Andréas, independente de ter recebido ou não o quadro. O Coronel foi categórico em afirmar que ele estaria sendo vigiado por simpatizantes no Brasil, e que deveria seguir a risca suas recomendações. Passou-lhe também uma boa soma em dinheiro, passagens de navio para o Brasil e a promessa de que no dia seguinte um caminhão do exército estaria em sua porta para leva-los e a suas bagagens para o barco que os conduziria ao navio que sairia para o

Brasil em alguns dias. Antes de ir, lembrou a Jurgen que se algo acontecesse com o quadro, ele e sua família seriam executados sem a menor piedade.

CURITIBA (Brasil) - 1945

Jurgen, instalado confortavelmente na espaçosa casa em Curitiba, acompanhou todo o término da guerra, ansioso e preocupado com a falta de notícias de Andréas. Ainda durante a guerra, buscou informações junto ao exército alemão, mas só obtivera a informação de que o coronel Andréas estava em uma missão especial na Áustria e que não poderia fazer comunicação. Porém, sem mais notícias após a guerra, com a derrota Alemã, e o clima no Brasil começando a ficar meio pesado para os Alemães e descendentes, Jurgen se sentia compelido a abandonar tudo e se esconder no quase selvagem interior Paranaense.

Ainda esperou três meses após o término da guerra, mas optou por se dirigir para o interior do Paraná, onde o clima era mais propício e poderia ficar em segurança. Mandou uma comunicação em código para o endereço deixado pelo coronel Andréas na Alemanha, informando seu destino e planos. Vendeu a casa e pegou estrada com a família, que nessa altura estava tão coesa que Marie Gorette parecia ser sua filha caçula. A menina realmente se adaptara aos costumes e hábitos dos Stutz, porém não esquecera de seu verdadeiro e querido pai. Mesmo já tendo passado muito tempo, ela ainda tinha pesadelos lembrando do momento em que foi tão abruptamente separada de seu pai, deixando-o com a face molhada de lágrimas e sangue em função da coronhada que recebera.

Na verdade, o plano dos Stutz também apresentava problemas. O local que tinham planejado se fixar era por demais deficiente, obrigando-os a continuar viagem em busca de um lugar apropriado para fixar a família e desenvolver seu trabalho. Essa peregrinação foi penosa e demorada, foram seis meses de muitas idas e vindas, até que se fixaram na cidade de Cascavel em um sítio de bom tamanho e com excelentes condições de trabalho, além do fato de ser próximo da cidade e da escola para as crianças. Sophie, a esposa de Jurgen, se adaptou bem ao local e parecia que finalmente poderiam ser felizes, sem preconceitos, perseguições e temores. Com o tempo passando e não se tendo notícias de Andréas, Jurgen resolveu considerar Marie Gorette sua filha e cuidar dela de forma definitiva.

PARIS (França) - 1946

A alegre Valerie tendo retornado para Paris depois da guerra, tentava reconstruir sua vida, que sempre fora feita no meio dos artistas e pintores parisienses. Procurou antigos amigos, arrumou alguns bicos como modelo para pinturas e esculturas e tinha na noite a luz que iluminava sua vida.

Também em Paris, o solitário Cenigatte pintava seus quadros e sentia sua agonia tendendo para uma solução, pois a guerra acabara, o coronel Andréas nunca foi buscar o quadro e faltavam poucas semanas para se festejar o primeiro aniversário do final da 2ª Guerra mundial. Foram meses entregues ao trabalho. Nunca pintou tanto como nos meses que se seguiram ao rapto de sua filha. Era como uma compensação pela dor e angustia do afastamento de Marie Gorette. Em virtude disso, pode vender muitas obras e iniciar uma ascensão como pintor, tornando-se famoso e com muitos interessados em adquirir suas obras. Aliás, o quadro de Paris “chuvoso” foi pretendido por muitos colecionadores, pois era considerado uma obra prima. Cenigatte rejeitou fortunas pelo quadro, pois não era um quadro, era o salvo conduto de sua filha.

Finalmente chegou o fatídico aniversário do final da guerra. O Coronel tinha sido escalado para uma missão secreta de grande repercussão negativa para os planos da resistência francesa, mas acabou sendo emboscado e nunca mais se teve notícia dele. A SS escondeu a vergonhosa missão, informando e forjando documentos que indicavam a transferência de Andréas para uma missão na Áustria.

Alan tinha de entregar o quadro no endereço passado pelo Coronel, mas não podia sair de sua casa, pois precisava estar lá para receber a informação do destino de sua filha. Alan envolveu o quadro com todo o cuidado e recrutou entre os amigos, um portador que iria até Curitiba (Paraná/BR) levar o quadro no endereço fornecido por Andréas - endereço da casa de Jurgen.

Sofrendo horrores e contando os segundos, ficou a esperar algum contato de Andréas. O portador fora a Curitiba, entregara o quadro a uma jovem menina que o atendera no endereço indicado e retornara para Paris, comunicando a Cenigatte o cumprimento de sua missão. O pintor ainda tentou manter a cabeça no lugar, contando com uma notícia sobre Marie Gorette, mas como elas não vieram, acabou entrando em depressão e si isolando do mundo e dos amigos.

CURITIBA (Brasil) - 1946

A família Portino, ainda curiosa sobre o misterioso quadro que foi entregue em sua casa, o colocara na parede da sala, em lugar de destaque, pois se tratava de uma obra de arte lindíssima. O quadro, no início, virou atração turística entre familiares e amigos, que fantasiavam histórias mil a respeito do quadro de Paris. Dentre os fatos curiosos, o mais interessante era a ilegível assinatura, que tinha em baixo de si a palavra “Paris-1951”. Considerando que ainda estavam em 1946, tal assinatura acresceu de mistério o já tão intrigante quadro.

Em virtude da gravidez avançada da dona da casa e do nascimento, do que parecia ser o caçula da família Portino, as atenções se desviaram para o jovem menino, e o quadro foi sendo esquecido, juntamente com seus mistérios e curiosidades. Permaneceram nessa casa por mais alguns meses, quando então se mudaram para Belo Horizonte.

CASCAVEL (Brasil) - 1946

A família Stutz se ambientou completamente ao local, estavam felizes e a cada dia se livrando do pesadelo da guerra e dos sofrimentos e injustiças pelo qual passaram. Marie Gorette crescia e convivia com as várias línguas faladas em sua casa. Ela tinha de se comunicar em alemão com o “pai” Jurgen, em Francês com a “mãe” Sophie e em português com o irmão e todos da região. Mas independente da língua que usava, seu coração estava em Paris. Vez por outra, perguntava pelo pai e queria saber quando iria encontra-lo. Jurgen, que ainda temia o aparecimento de Andréas ou de algum simpatizante nazista, desconversava e mudava de assunto. Mas ele sabia que mais dia menos dia teria de providenciar o encontro da menina com seu verdadeiro pai.

PARIS (França) - 1947

Os amigos de Alan, não suportando tanta reclusão e sofrimento, começaram uma corrente de visitas e conversas com o artista, tendo como interesse seu retorno à vida normal e à pintura, do qual era um dos melhores representantes da época. Tal movimento começava a surtir efeito, ele já se sentia mais resignado, já pensava em retornar a pintura e a sair mais de casa e aproveitar um pouco da vibrante vida noturna parisiense.

Porem foi a visita de Valerie que o fez acordar de novo para a vida. No rodízio de amigos que o visitavam, chegou a vez de Valerie, que já conhecia suas obras, mas com quem tinha cruzado poucas vezes na vida. Valerie levou vinho, pães e alguns patês para Alan, sentou-se com ele a mesa

e começaram a conversar. Logicamente, o assunto tinha de ser o passado e as dificuldades pelo que passaram. Tudo ia muito bem, até que Cenigatte comentou sobre sua iluminação ao pintar o quadro de Paris e a forma agressiva com que tivera retirado de sua vida a filha querida. Disse que guardava até aquele dia o esboço do quadro do salvo conduto, que Valerie pediu para conhecer. Foi algo chocante para ela, ao ver o retângulo amarelo no canto do esboço, toda a cena da casa do marceneiro Michel lhe veio a mente e imediatamente ela disse “É o quadro do nazista !”.

Alan ficou surpreso com Valerie e pediu para que ela se acalmasse e explica-se que nazista era esse. Valerie contou a história e Alan não precisou fazer muito esforço para ver que o quadro da história de Valerie era seu quadro de Paris e que ele o guardara por anos em sua casa sem saber que estava recheado de diamantes.

O casal parecia em transe, tal o choque que tiveram ao ver que o passado dos dois se cruzou de uma forma tão curiosa e triste, com ambos tendo perdas de pessoas queridas e pela mão do mesmo carrasco. Sem falar uma palavra e com o olhar perdido em meio aos pensamentos, ficaram ali parados, entretidos com o passado e absorvendo as novidades. Eram as duas únicas pessoas no mundo, além do coronel nazista, que sabiam da existência do “tesouro”. Porém não faziam a menor idéia de onde ele estaria. Poderia estar em qualquer lugar do mundo e possivelmente ainda tendo nos compartimentos secretos a fortuna em diamantes.

Passado o choque inicial, colocaram a cabeça no lugar e passaram a conversar sobre o que iriam fazer. Alan não ligava para o “tesouro”, seu objetivo era localizar a filha. Valerie, desejava ajudar a localizar a menina, mas estava muito interessada em por as mãos nos diamantes. Mas de concreto, não tinham nada, a não ser o endereço no Brasil para onde foi levado o quadro.

Alan achava que isso em nada ajudaria a localizar a filha, que poderia, naquele momento, estar em qualquer país do mundo. Valerie completou seu raciocínio dizendo “*inclusive no Brasil*”. Sua idéia era achar um ponto de partida que fosse abrindo em outros pontos e com o desencadear das coisas, eles chegassem aos dois “tesouros”. Cenigatte viu que era pouco o que tinham, mas era o que tinham e não podiam ficar ali parados esperando algo acontecer. Tinham de ir à luta e localizarem seus “tesouros”.

Em virtude de serem pessoas “sozinhas”, não tiveram dificuldades em ajeitar as coisas para a aventura no Brasil. Juntaram as reservas que

tinham, trancaram suas casas e fizeram dos amigos pessoas que, mesmo à distância, poderiam lhes ajudar. Comprometeram-se a mandar constantes notícias e o paradeiro de onde estavam. Arrumaram as malas e, em pleno dia de natal, puseram-se a caminho do longínquo e misterioso Brasil.

Embarcaram para o Brasil logo após o natal, em viagem que tinha previsão de duração de três meses. Tiveram todo o tempo do mundo para conversarem e se conhecerem melhor. Puderam estudar com detalhes o plano de ação que iriam adotar no Brasil, mas na verdade, era só para passar o tempo, tudo era imprevisível. Poucos dias depois do embarque, houve uma grande festa de passagem de ano, todos fantasiados e com muita alegria no ar. Com um ambiente desses, os dois acabaram esquecendo as tristezas, tomando várias bebidas e dividindo a mesma cabine. Foram horas de catarse, onde puseram toda a energia presa durante a guerra para fora, com tanta intensidade e furor que só acordaram no meio da tarde do primeiro dia do ano.

Saudaram 1948 em meio a uma bruta ressaca, mas com o coração mais leve. Afinal, depois daquela espetacular noite de amor, já se consideravam velhos amigos e jovens amantes.

Os dias iam passando, a vida ia ficando monótona, o jogar do navio deixava de ser algo diferente e gostoso, passando a ser algo cansativo e repetitivo. A cada dia que se seguia, a ansiedade de chegar e partir para a busca se intensificava. A viagem estava se tornando angustiada, quando finalmente aportaram no continente americano. Era uma parada para reabastecimento e pequenos reparos. Mas foi comemorada com alegria, pois era um dia inteiro em terra firme, na cidade de Salvador - Bahia. Valerie que havia vivido um ano em Paris com um brasileiro, aproveitou a viagem para ensinar a Alan a língua portuguesa, algo que lhes seria muito útil no Brasil. Desceram do navio e começaram a exercitar o incipiente português de Cenígatte com os moradores de Salvador.

Aproveitaram para visitar alguns pontos turísticos do centro de Salvador, comer iguarias tropicais e visitar o consulado Francês, onde tinham em mente obter alguma ajuda na busca que iriam empreender.

No consulado, expuseram a história da menina, pegaram mapas e informações sobre o estado do Paraná e deixaram fotos e descrições detalhadas da criança, que seriam repassadas aos demais estados onde havia consulado francês. Voltaram para o navio revigorados e motivados, a proximidade da busca os deixava em êxtase.

Em poucos dias, percorrendo as belezas da costa brasileira, aportaram em Santos - SP. Era o início da jornada em terra firme. Para quem até pouco tempo atrás acreditava que havia selva nas cidades brasileiras, passar por São Paulo foi algo arrepiante. Era uma grande cidade, com muitos recursos e que não tinha nada de selva. Não foi difícil arrumar condução para Curitiba, mas seria uma longa viagem e por estradas bem piores que as disponíveis na França. A distância foi colocada a parte, tendo em vista a beleza que o caminho oferecia a cada curva. Eram montanhas, rios, lagos, plantações, matas em variedade e diversidade nunca antes vistas por eles.

Chegaram em Curitiba no início da tarde, arrumaram um hotel no centro da cidade e foram rapidamente ao fatídico endereço. Parados a frente da grande casa, com jardim longo e sem muros, tiveram de imediato uma sensação de abandono. Foram até a porta, bateram e não obtiveram resposta. Desconsolados, foram até um grande tronco de árvore, encostado numa grande árvore do jardim e se assentaram. Alan não conseguia esconder sua decepção. Alan, com lágrimas nos olhos, disse: “Nossa única pista está abandonada!”. Valerie, também estava chorando, mas sentia que devia animar Alan, evitando que ficasse deprimido. Ela chegou bem próximo de seu ouvido e disse: “Calma Alan, Deus é grande e não vai permitir que nossa jornada acabe por aqui”. Permaneceram ali, abraçados e pensativos por um bom tempo, até que foram interrompidos por uma menina.

“Ola!” disse a menina ao casal. Valerie olhou para ela e sorriu, perguntando seu nome. “Janete”, respondeu a menina. Começaram a conversar e através daquela menina, que para eles parecia um anjo, ficaram sabendo que naquela casa havia morado um casal de “estrangeiros” que tinham um casal de filhos. E que a menina fora amiga de Marie Gorette. Janete contou que costumava brincar todas as tardes naquele jardim, enquanto seu irmão jogava futebol com o irmão de Gorette. Disse também que eles haviam se mudado a tempo, e que depois deles, já havia morado outra família naquela casa, mas que eles também tinham se mudado a alguns meses.

A cada detalhe que contava a criança, Alan ia olhando para o jardim e imaginando a cena, de sua filha correndo e brincando. Valerie, sentindo que esse era o caminho para continuar a jornada, perguntou a Janete se ela poderia leva-los até seus pais. Nesse momento, ouviu-se o chamado que vinha da rua. Era Juliano, pai de Janete, chamando-a, já um tanto preocupado por ela estar entre estranhos. Foram os três em direção a Juliano.

Janete apresentou-os ao pai, que após se identificar, convidou-os para um café em sua casa, que ficava em frente, do outro lado da rua.

Juliano e sua esposa Marieta foram muito acessíveis e amigáveis, principalmente depois de saber da trágica história de Alan e Marie Gorette. Um pouco tristes por não poderem ajudar muito, contaram a Alan e Valerie que o casal Stutz morou ali por alguns anos e que nesse período tiveram rápidos encontros, mas não houve um intenso relacionamento social, pois eles eram muito recolhidos e de poucas saídas. Janete brincava muito com as crianças Stutz, mas nunca soube que Gorette não era filha deles. Eles a tratavam como filha e ela parecia colaborar, não negando e nem confirmando. Disseram que sempre acharam a expressão de Gorette triste, mas poderia ser saudade da terra natal ou simplesmente impressão deles.

Em meados de 1945, sem muito anunciar, a família Stutz se mudou, informando apenas que iriam para o interior, talvez para a cidade de Apucarana, no noroeste do Estado. Depois disso, já passados quase três anos, não tiveram mais nenhuma notícia. Valerie, curiosa pelo quadro, perguntou sobre a outra família que havia morado na casa, pois considerando as datas, foram eles que receberam o quadro enviado por Cenigatte. Juliano, que disse ter conhecido bem a família Portino, informou que eles mudaram de lá no final de 1946, indo para Minas Gerais, onde o Sr. Lucas, chefe da família, iria lecionar em uma universidade de lá. Informou ainda que além do Sr. Lucas, havia a sua esposa Amália e as filhas Carmem, Lúcia e o recém-nascido Augusto. Sr. Lucas era um renomado historiador, muito requisitado pelas universidades, algo que fazia com que estivesse em constantes mudanças de cidades. Já tinha morado no Rio de Janeiro, Florianópolis e Porto Alegre, além, é claro, de Curitiba e Belo Horizonte, para onde tinham se mudado recentemente.

Alan e Valerie agradeceram as informações e o calor humano que receberam do Sr. Juliano e família, indo para o Hotel, onde pretendiam descansar e pensar sobre o que iriam fazer. Já no quarto, banhados e relaxados, começaram a avaliar a situação e concluíram que não havia outro jeito, tinham de ir para Apucarana.

No hotel, colheram informações sobre a cidade de Apucarana e de como chegar lá, e acabaram optando pela ferrovia Estrada de Ferro Central Paraná, que saía de Curitiba, passava por Ponta Grossa e acabava em Apucarana. Era uma viagem longa, de pouco conforto, atravessando território pouco habitado e com muitas propriedades rurais. Não demorou

muito para estarem na Estação de malas nas mãos e prontos para a nova empreitada.

Já dentro do trem e curtindo a paisagem, riram ao avaliar o tanto que tinham viajado até aquele momento. Foram meses no mar, dias em ônibus e agora mais um bom tempo sentados em um trem. Mas, isso pouco importava. O importante era que estavam a caminho de Marie Gorette, seja lá onde ela estivesse.

Quanto mais avançavam, mais rústico e escasso de recursos ficava o local. O Paraná era um Estado de colonização e ocupação plena recente, que tinha boa parte ocupada por fazendeiros, pessoas vindas de outros Estados e países. Eram famílias de poucos recursos financeiros, mas com muita garra e vontade de fazer daquele lugar a terra prometida. Dava para sentir o orgulho que os homens de mãos grossas e pele queimada de sol tinham de suas terras e produções. O trem estava cheio de pessoas assim, alguns já estavam no Paraná a muito tempo, outros a pouco tempo e muitos chegando para iniciar seus sonhos. Esse clima contaminou Alan e Valerie, a ponto de iniciarem uma conversa sobre se fixarem no Brasil.

Eles avaliavam que o que deixaram para trás era pouco e poderia ser vendido pelos amigos e o dinheiro enviado para o Brasil. Já não eram mais crianças, mas ainda estavam longe de serem velhos. Alan tinha a idade de Cristo - 33 anos - e Valerie 28 anos. Jovens, porém sofridos e vividos pela guerra que afetou demais suas vidas. Pensavam: “Porque não?”. Porém decidiram não iniciar esses planos enquanto não estivessem em companhia de Gorette.

Desceram em Apucarana num final de tarde, muito cansados, sujos e famintos. Só queriam um bom banho, comida e descanso. A primeira impressão os deixou apreensivos. A cidade era pequena, tinha poucos recursos e teriam dificuldades em obter vestígios de Jorgen e sua família.

Já estalados em uma pensão, banhados e alimentados, foram para a grande varanda que circulava o segundo andar do prédio e puseram-se a pensar no que fazer no dia seguinte. Por onde começar, aonde ir, a quem procurar, e muitas outras dúvidas que pairavam no ar, aguardando respostas que não vinham. Após algum tempo apreciando o luar, foram para o quarto descansar e repor as energias.

Ao raiar do dia, Alan se levantou e foi para a varanda refletir. Ficou olhando o movimento do início do dia, as pessoas saindo para trabalhar, as janelas se abrindo e o cheiro de café no ar. Foi nesse instante que ele pensou: “Tenho de pensar como Jorgen. Tenho de me colocar no lugar dele e tentar

entender o que ele faria. Se eu fosse estrangeiro, tivesse algum recurso financeiro e uma família para cuidar, ao chegar em um lugar desconhecido, sem ter a quem pedir ajuda, a primeira coisa que faria seria tentar localizar alguém de origem igual a minha. Se encontrasse alguém que tivesse raízes iguais às minhas, com certeza poderia contar com sua colaboração”. Em Curitiba, Juliano havia dito que Jurgen era alemão e sua esposa francesa. Logo, a primeira coisa a fazer depois do café seria localizar alemães e franceses nessa cidade e imediações.

Animado, voltou para o quarto, acordou Valerie com um sonoro beijo e tirou-lhe a coberta dizendo: “Levanta que já sei como vamos iniciar nossa busca!”. Valerie, que não gostou muito da sacudida que levou, apenas sorriu e perguntou se estava sonhando ou se ele havia enlouquecido. Alan sorriu e lhe contou a idéia que havia tido. Ela gostou e em pouco tempo já estavam no andar de baixo saboreando o café e forrando o estômago para iniciar a jornada.

Fizeram uma rápida pesquisa no hotel e lhes indicaram a Prefeitura como sendo um bom ponto de partida, afinal, ela tinha cadastro de contribuintes residenciais e rurais. Chegando lá, foram atendidos por uma senhora, que os ouviu atentamente e se mostrou disposta a colaborar. Após aguardar por uma hora, receberam uma pequena lista manuscrita, com pelo menos 12 endereços de famílias cujos “chefes” são de origem alemã ou francesa.

Iniciaram pelos que ficavam dentro da cidade, mas tal procedimento em nada ajudou. Todas as oito famílias contactadas não tinham nada a dizer sobre uma família Stutz. O jeito foi partir para uma pesquisa nos endereços rurais. Os pontos eram bem distantes, de modo que só conseguiram ir a dois naquele dia. Sem nada de novo, voltaram para o hotel exaustos e desanimados.

Após o banho, desceram para o jantar e ficaram tomando um vinho enquanto aguardavam a comida. Foram interrompidos por um dos funcionários do hotel, que disse ter comentado a história deles com um amigo e esse localizou uma pessoa que parecia saber algo de importante. Sem pestanejar, deixaram o jantar para trás e foram direto para a casa de tal pessoa. Era um italiano, já com seus 60 anos e que tinha uma fazenda próxima da cidade. Na época, ele já não morava na fazenda, que era tocada por seus filhos. Vivia na cidade e gostava muito de ficar na praça principal, conversando com as pessoas e jogando damas com os amigos. Ele contou aos ansiosos Alan e Valerie que, certa vez, estava na praça passando o

tempo, quando viu um senhor de traços europeus se aproximando, com feição preocupada, acompanhado por uma mulher e duas crianças. Esse senhor se aproximou dele e perguntou se havia algum cartório na cidade ou se ele saberia da existência de alguma família de alemães ou franceses naquela cidade. Como gostava muito de uma prosa, o papo se prolongou, tendo continuado na mercearia onde se refrescaram enquanto conversavam.

O italiano informou ao casal do surgimento de uma cidade próxima de Apucarana, chamada Maringá, e que para lá havia deslocado uma grande quantidade de imigrantes, pois a terra era boa e barata. Se eles estavam a procura de estrangeiros e uma terra boa para se fixarem, o destino deles era Maringá. Após a conversa, agradeceram as informações e se afastaram, já com rostos mais felizes e uma postura mais animada. Depois disso, não os viu mais pela cidade.

Valerie não se conteve e disse a Alan que essa era a informação que precisavam. Estavam novamente na trilha de Gorette. Voltaram abraçados para o hotel, não sem antes agradecer ao velho italiano, dizendo a ele que seriam eternamente gratos por sua cooperação.

Já novamente com a taça de vinho na mão, brindaram e jantaram com uma disposição que a muito não tinham. Deram uma volta pelas ruas para fazer a digestão e voltaram para o hotel em meio a uma lua cheia, que parecia ser o prenúncio de uma nova e feliz empreitada em busca da jovem francesinha. Naquela noite, dormiram como anjos. Foi um sono profundo e reconfortante.

Bem cedo, já estavam na portaria do hotel acertando a conta e procurando um transporte que os levasse até Maringá. O caminho era meio precário, mas conseguiram chegar sem muita dificuldade. Era uma cidade nova e com muita energia. Viam-se pessoas construindo casas e montando comércios, estradas sendo abertas e uma movimentação desproporcional ao tamanho da cidade. Era uma energia movida pela esperança. Eram sonhos se materializando em uma terra ainda bastante selvagem.

O ambiente contaminou ainda mais a Alan e Valerie. Eles chegaram a comentar de que após acharem Gorette, é ali que iriam se fixar para iniciarem uma vida nova. Mas por outro lado, estavam apreensivos, pois não sabiam como proceder para iniciar a busca por Jurgen. A solução foi ir perguntando a um e outro, até que chegaram a uma pessoa que tinha uma certa liderança no local e que já havia ajudado muitos imigrantes a se fixarem nas redondezas. Esse homem, chamado por todos de “Capitão”, era um filho de imigrantes que já percorrera todas aquelas terras, bem antes da

chegada de tantos imigrantes. Conhecia suas belezas, potenciais e perigos e esse conhecimento o credenciava como uma referência aos esperançosos e desadaptados europeus que para lá deslocavam. Ouviu a história de Alan e, conforme descrição por ele passada, pode lembrar de ter ajudado uma família que se enquadrava nesse perfil. Consultou algumas anotações e localizou uma negociação que fez de umas terras, para onde uma família Stutz si dirigira para iniciar vida nova. Vendo a inquietação do casal, chamou um de seus ajudantes e o orientou a leva-los até as terras dos Stutz.

O guia lhes informou que seria uma caminhada de uns cinco ou seis quilômetros, mas a ansiedade foi tanta que nem se incomodaram de percorrer essa distância com suas malas nas mãos. Lógico, que depois do primeiro quilometro o peso aumentou, Valerie teve tonturas e acabaram reavaliando a decisão de carrega-las por tanto tempo. Pararam em uma casa simples, nova e bem cuidada, onde pediram para deixar seus pertences enquanto faziam a peregrinação até a terra dos Stutz. Foram acolhidos por uma jovem que tinha a pele cor de rosa, fruto do sol em sua cútis branca, que os recebeu com muita atenção e ainda lhes ofereceu sua charrete para que fossem até o local que desejavam. Após um pouco de água e um rápido descanso, pegaram a charrete emprestada e foram em direção ao sitio. A cada curva, a ansiedade aumentava. Sentiam-se a poucos minutos do fim de anos de angústia. Alan estava em outra dimensão, não seria capaz nem de descrever o caminho que percorreu, tal era sua tensão e atenção nas recordações de Gorette.

Finalmente, chegaram ao sitio. Via-se fumaça na chaminé da casa, alguns animais e um ambiente bucólico e tranquilo. O guia disse que precisava voltar, pois ainda tinha muito que fazer. Alan ofereceu-lhe a charrete para voltar, mas ele recusou dizendo estar acostumado a andar e que em pouco tempo estaria na cidade. Após os agradecimentos, pôs-se a caminhar. Valerie pegou na mão de Alan e se dirigiram para a casa. No caminho, foram recepcionados por duas crianças de seus quatro e cinco anos, algo que os preocupou, mas seguiram em frente conversando com as crianças. Ao alcançarem a porta da casa, já tinham percebido de que ainda não seria dessa vez que iriam chegar a Gorette. Veio um jovem casal de brasileiros que havia emigrado de São Paulo e que haviam comprado as terras da mão de Jurgen, que não se adaptou ao local. Segundo eles, Jurgen e sua família gostavam do lugar, porém, tinham em mente oferecer o máximo de instrução a seus filhos e por ali ainda não havia escolas para abriga-los. Souberam que no sudoeste do Estado, onde houve uma tentativa de independência com a formação do Estado do Iguazu, estava havendo um

amplo processo de crescimento e desenvolvimento, com muitas oportunidades, em localidades bem mais estruturadas do que Maringá. Por isso, resolveram se mudar para lá.

Após uma rápida negociação, compraram as terras com todas as benfeitorias e ainda puderam ajudar a família Jurgen a alcançar a ferrovia que os levaria até Guaíra, no extremo oeste do Estado. Cenigatte e Valerie, um pouco decepcionados, mas resignados, votaram para a charrete e foram em direção a casa em que tinham deixado seus pertences.

Foram devagar, conversando e apreciando as terras. Elas eram cuidadas e semeadas, refletindo em sua cor forte, a disposição e determinação daquele povo sonhador e trabalhador que as cultivava. Ao chegar no sítio, tiveram a solidariedade de seus proprietários, que os convidaram a pernoitar entre eles. Não recusaram a oferta e ficaram muito felizes em compartilhar com pessoas tão jovens, amigas e esperançosas aqueles momentos.

Ao raiar do dia, lá estavam eles novamente seguindo em direção à estação ferroviária. Mais uma vez em busca de Gorette. Tiveram de esperar em Maringá por mais dois dias até que o trem chegasse. Foram horas de descanso e reflexão, com algumas caminhadas e banhos de cachoeira, que só foram interrompidos por algumas indisposições de Valerie. No trem, seguindo para Guaíra, novos enjôos de Valerie indicavam que havia novidades no ar.

Ao descerem em Guaíra, foram a um médico local que após alguns exames deu o veredicto definitivo: Valerie seria mamãe. Alan ficou perplexo e abobado, não sabia o que dizer ou sentir, mas a alegria tomou conta de seu ser e acabaram se abraçando com lágrimas e sorrisos em seus rostos. Valerie estava no terceiro mês de gravidez. Ainda poderia continuar a busca por Gorette por alguns meses, mas logo teria de quietar e ficar sossegada para ter a criança.

Foram para o hotel, dispostos a reiniciar o trabalho que tinham feito em Apucarana. Começaram a perguntar, fizeram muitas pesquisas, visitas a localidades vizinhas e nada de pistas de Jurgen. Foram vários dias de muito calor, enjôos e deslocamentos infrutíferos. Já começavam a achar que estavam no final da linha. Nenhuma informação foi obtida. O que poderiam fazer? Estavam no extremo oeste do Paraná e sem pistas para seguir.

Foi quando em uma incursão nos documentos disponíveis na prefeitura, Alan ficou sabendo de uma caravana que estava seguindo em direção à Foz do Iguaçu, passando por Cascavel e outras cidades do sul do

Paraná. Segundo soube, não seria a primeira vez que grupos como esse se deslocavam para o sul e, quem sabe, não foi o que Jurgen fez ao chegar em Guaíra. Ele pode não ter se fixado por ali. Entrou em uma caravana e não deixou rastros.

Arriscando tudo nessa hipótese, Alan conseguiu vaga na caravana e foi avisar Valerie dos novos planos. A idéia não foi bem recebida por ela, alias, nada estava sendo bem recebido por ela. Os enjôos a estavam deixando em péssimo humor. Após relutar um pouco, acabou concordando que para eles tanto fazia. Sem pistas onde estavam, arriscar em outras paradas não iria piorar as coisas. Arrumaram as coisas, fizeram um lanche e se puseram em meio ao grupo da caravana.

Até que não foi má idéia seguir com a caravana. Fizeram muitas amizades, conheceram muitas histórias e participaram de ótimos papos, aliás, bater papo era o que se tinha para fazer. Lógico, que tiveram uma série de problemas nas péssimas estradas, mas nada que um empurrão coletivo não desatolasse. Os intempéries e as conversas ajudaram a distrai-los e a passar o tempo. Passaram por vários pequenos vilarejos, mas em nenhum sentiram vontade de descer e pesquisar.

Finalmente, chegaram a Cascavel, uma promissora cidade onde boa parte da caravana iria ficar. O restante seguiria viagem até Foz do Iguaçu. Ficaram no maior dilema: Ficar ou seguir ? Prevaleceu a intuição de Valerie, que Alan deu o nome de “desempoeiramento”. Ele achava que esse papo de intuição era um meio de convencê-lo a ficar em Cascavel e pararem de comer e conviver com a poeira das estradas. Mais uma vez, veio à tona a questão de que para quem está perdido, qualquer estação serve.

Já instalados em um hotel, banhados e alimentados, começaram a traçar os planos de como achar o fio da meada da família Stutz. Já estavam prestes e iniciar o cansativo percorrer de cartórios, repartições públicas e logradouros urbanos e rurais, quando Valerie teve a idéia de direcionarem suas buscas nas escolas, afinal, esse era o requisito exigido por Jurgen para fixar-se em algum lugar. Assim, procurar nas poucas escolas da cidade seria muito mais fácil do que tentar a velha tática de passar pente fino no município e região. Alan ficou feito bobo olhando para Valerie e disse: “Você é um gênio! Como não havia pensado nisso antes?”. Valerie respondeu: “Duas cabeças pensam melhor que uma”. Os dois riram como há muito tempo não faziam.

Imediatamente começaram as buscas pelas escolas da cidade. Não era uma cidade tão grande, mas nas escolas situadas na área urbana a busca se

mostrou frustrada. Partiram então para as escolas rurais e na segunda em que foram, encontraram uma ficha de aluna que se encaixava perfeitamente ao perfil de Gorette. A escola, após verificar os documentos apresentados por Alan, foram bem solícitas em ajuda-lo, fornecendo inclusive o endereço da jovem que parecia ser sua filha.

Pelo que puderam apurar, o endereço da menina não era muito longe da escola. Ficava a poucos quilômetros em um sítio à beira da estrada. Animados pela notícia, em pouco tempo estavam à porta do sítio que parecia muito bem cuidado e promissor. Foram entrando em direção da sede e no meio do caminho, viram uma menina correndo em sua direção. Alan não pode se conter e antes de receber o abraço efusivo da menina, já estava em lágrimas. Valerie também não pode conter a emoção da cena. Um pouco distante, mas com o olhar atento, estava Jurgen cuidando de suas culturas. Ao observar a criança correndo em direção a um casal de estranhos, teve um frio na espinha e a imediata reação de correr até aquela cena. Rapidamente foi ao encontro da menina, mas ao se aproximar ouviu Gorette lhe falando: “É o meu pai !!! Jurgen, meu pai chegou !!!”. O olhar que dirigiu a Alan tinha uma mistura de raiva, medo e expectativa. Não sabia o que sentir estava confuso e sem saber a intenção e reação do estranho para com ele, afinal, estava com sua filha sem seu consentimento.

Alan olhou fundo nos olhos de Jurgen e após alguns instantes, esboçou um sorriso amistoso. Seu ódio e revolta ficara em segundo plano após ter abraçado a filha, que estava corada e saudável como nunca esteve. Valerie também ficou contente por não ter acontecido uma recepção odiosa e violenta. Alan se apresentou esticando a mão em direção de Jurgen, que lhe retribuiu o cumprimento polidamente e os convidou para entrarem e tomarem um refresco, um mate ou um café. Foram os quatro em direção a casa, que tinha Sophie parada em sua porta, também às lágrimas.

Já dentro da casa, a conversa fluiu e em pouco tempo puderam apurar que todos tinham sido vítimas de uma mente doentia e perversa, que havia entrado em suas vidas apenas para lhes causar temor e tristeza. Jurgen explicou o que fizera e porque o fizera, mostrando que o coronel Andréas pouco lhe disse sobre a criança e que ameaçara matá-lo e a toda sua família se não fizesse exatamente o que lhe ordenara. Já no Brasil, tiveram tantas mudanças e experiências que impossibilitaram qualquer iniciativa de devolução da criança, que a muito era tratada como filha.

Alan contou seu sofrimento, suas dificuldades para chegar até Gorette e como estava feliz de tê-la encontrado, ainda a tempo de que ela pudesse

conhecer Valerie e ajudá-la em sua gravidez e parto, pois era um irmão seu que estava sendo gerado. Sobre planos, expôs que pretende fazê-los, mas que primeiro quer descansar e aproveitar ao máximo esse reencontro de Gorette. De imediato, pretendia ir passar alguns dias em Foz do Iguaçu, uma cidade que lhe disseram ter muitas belezas naturais e paz, constituindo-se um lugar excelente para refazerem suas energias e decidir seu futuro.

O casal Stutz ainda tentou persuadi-los a ficarem alguns dias no sítio, porém tiveram a promessa de que seja lá qual fossem os planos que tivessem, teriam o retorno de todos ao sítio para mais alguns momentos juntos. Ficaram aquela noite no sítio, planejando retornarem para Cascavel na manhã seguinte e de lá para Foz do Iguaçu.

Naquela noite, após o jantar, Alan e Jurgen se sentaram na varanda da casa para tomarem um café, verem as estrelas e falarem um pouco sobre a vida. Foi uma conversa longa e profunda, onde dois homens sofridos e trabalhadores puderam ver que a vida tem poucos enredos. Como europeus, tinham antepassados de guerras, epidemias, invasões, barbaridades, problemas com vulcões, terremotos e outras catástrofes. Tinham no sangue a experiência de superação dos sofrimentos e dificuldades. Sabiam que tudo passa. Eram conscientes de que eram passageiros e que tinham de continuar seus papéis na vida que lhes foi conferida. Terminaram a noite com uma sensação de amizade e respeito mútuo, que deixou os dois prontos para a nova vida que iria se iniciar no dia seguinte.

Pela manhã, despediram-se dos Stutz e foram para o hotel em Cascavel, onde após alguns ajustes, saíram em direção a Foz do Iguaçu. Em poucas horas já estavam lá e a empatia foi imediata. Era uma cidade em crescimento, com grande presença de estrangeiros e uma constante leva de turistas. A movimentação da cidade, a proximidade com a Argentina e o Paraguai, a pluralidade de culturas e o clima propício para estabelecer raízes contaminou Alan e Valerie, que já lhe implorava uma fixação para que levasse em paz os próximos meses da gravidez.

Alojados no hotel e cansados de tanto visitar as Cataratas, foram para o jardim, onde Alan pode ouvir de Gorette sua versão de tudo que lhe acontecera. Ouviu atentamente e com muito sentimento, pois era uma menina e já tinha passado por tantos acontecimentos. Perdera a mãe bem pequena, vivia dentro do possível que um viúvo podia oferecer, em um momento difícil como o da 2ª. Guerra. Além disso, é raptada de forma abrupta e violenta, passando anos se deslocando entre continentes, países e cidades, sem poder fazer amigos e se equilibrar. Mas, apesar disso tudo,

estava ali a sua frente, sorrindo e abraçando-o como se nada tivesse acontecido. Não sabia se isso era por inocência ou virtude de superação, mas pouco interessava, estavam juntos e dessa vez para sempre.

Os dias foram se passando, a aproximação e convivência entre os três foi grande e proveitosa. O relacionamento entre Valerie e Gorette parecia perfeito. As duas faziam passeios, conversavam muito e tinham sempre um sorriso mútuo. Descansado e trocando idéias com as duas, Alan anunciou seu desejo de ficar em Foz do Iguaçu e tentar retomar sua carreira de pintor, pois acreditava que aquela ligação de culturas e turismo era propício para as artes. As duas adoraram a idéia, afinal iriam fixar residência, curtir os últimos meses da gravidez e ficar a pouca distância dos Stutz, aos quais Gorette muito prezava e sentia saudades.

Iniciaram a busca de uma boa casa, que pudesse ser ao mesmo tempo residência, atelier e galeria de arte. Após alguma negociação, acabaram ficando com um sobrado de esquina, com dois andares e duas portas comerciais para a rua. Ficava no centro, em um bom ponto comercial, próximo de escolas e com boa infra-estrutura comercial. Fechado o negócio, antes de se mudarem para lá, foram para Cascavel, onde além de visitar os Stutz, puderam obter os documentos para transferir Gorette de escola.

Retornaram com muita disposição para o novo lar, prontos para iniciar uma vida de paz, alegria e tranqüilidade. A adaptação foi boa e em pouco tempo já estavam se ambientando, fazendo amigos e se entrosando com a comunidade. O grande problema para Alan era o material para suas pinturas que era escasso, caro e muitas vezes velho e de baixa qualidade.

Após alguma pesquisa, descobriu que compensaria ir até Buenos Aires, na Argentina, comprar o material de pintura, pois o custo ficaria o mesmo, porém com a garantia de qualidade dos produtos. Assim, passou a fazer periódicas viagens à Argentina.

Os primeiros meses se passaram, a hora do nascimento de seu filho se aproximava a suas reservas financeiras começavam a chegar a um ponto crítico. Suas preocupações aumentavam, pois contava com a venda de sua casa e de Valerie em Paris, mas a notícia de sua realização e o dinheiro nunca chegavam. Por outro lado, tinha muita colaboração de Gorette e Valerie em suas pinturas, que com muita dificuldade iam sendo vendidas aos apreciadores de arte que por Foz do Iguaçu passavam. Vez por outra, nas horas de maior aperto, falavam sobre o quadro “Paris” e sua fortuna “secreta”, mas era só para esquecerem os problemas, pois sabiam da

dificuldade que seria para localizá-lo, isso se ainda tiver algum “tesouro” escondido em suas entranhas.

Nasceu o menino, o tempo foi passando, as dificuldades aumentando e a inquietação da família Cenigatte os faziam pensar em alguma atitude mais drástica para reverter a situação.

No aniversário de um ano de Leroi - o filho de Alan e Valerie, chegou a notícia da venda e envio do dinheiro dos bens de Paris. Foi uma mistura de alívio e felicidade, com uma comemoração memorável por parte da família Cenigatte. Poucos dias depois, conseguiram a posse dos recursos financeiros vindos de Paris e tomaram a drástica decisão: Iriam se mudar para Buenos Aires.

A capital Argentina era a “Paris” sul-americana, com uma infraestrutura respeitável e uma cultura de valorização das artes pouco presente nas demais capitais dos países da América do Sul. Nesse ambiente, que Alan já andava comercializando suas obras, ele tinha plenas condições de desenvolver sua arte, tê-la valorizada pelo mercado e com isso obter a projeção que obtivera em Paris anos atrás.

Foi uma decisão acertada. Em poucos anos, Alan se tornou uma pessoa de destaque no meio artístico argentino, tendo inclusive assumido cargos de projeção na coordenação das artes locais. Sua ascensão profissional foi amparada e incentivada por Valerie, que usou toda sua habilidade comercial para colocar a arte de Cenigatte nos pontos mais nobres e valorizados.

Marie Gorette cresceu em meio a essa ebulição artística do pai, podendo ficar muito próxima da cultura e da informação, algo que a levou à faculdade onde pode fazer com destaque o curso de Filosofia e com várias opções de pesquisas.

No final da década de 50, após relutar um pouco por ter de se afastar da família, Gorette acabou aceitando o convite para ir desenvolver uma pesquisa sobre “comunicação humana”, em conjunto com o sociólogo e namorado Matheus, em um projeto conjunto entre a Universidade de Buenos Aires e a Universidade de São Paulo.

Alan e Valerie, que não tiveram mais filhos, ficaram tristes pela saída de Gorette, mas ao mesmo tempo satisfeitos por ser em prol do crescimento e amadurecimento profissional da menina. Felizes e totalmente integrados a Buenos Aires, tinham no trabalho de Alan e na educação de Leroi uma ocupação que lhes ocupava todas as horas do dia.

SÃO PAULO - 1959

Gorette se estabeleceu na capital, em residência próxima da Universidade e, em companhia de Matheus, passou a se dedicar com afinco nas formas de comunicação. No decorrer da pesquisa, se deslocou para o norte do país, onde pode estudar as linguagens indígenas e estender seus estudos às antigas civilizações da Bolívia e Peru. Sua infância, cercada de três línguas, foi o ponto de partida de seus estudos. Ficou tão fascinada pelas relações e particularidades das línguas que ainda no 2º grau já fazia incursões nessa área, afinal, era a única de sua escola a falar mais de uma língua.

A curiosidade pelas linguagens, também despertou em Gorette a percepção sobre a importância da comunicação para as civilizações. Ela pode observar que povos antigos que não registravam sua história ficavam muito limitados e, na maioria das vezes, esquecidos. Dedicou parte de sua atenção às formas de comunicação e aos meios de difusão, alias, em momento muito rico, pois o rádio já tinha se estabelecido e a televisão fazia sua estréia e iniciava sua incursão nos lares brasileiros. Tal fascínio era acompanhado por Matheus, que estava com Gorette em todos os estudos e momentos. Era um casal jovem e muito aplicado em seu trabalho, a ponto de se destacarem no meio acadêmico não só do Brasil, mas de toda americana do sul.

SÃO PAULO - 2000

Em uma noite de verão, após um dia “quente” de trabalho, o jovem Adelino estava descansando na sala da casa de seus pais, ouvindo uma música relaxante e meditando sobre o ambiente em que estava: os móveis, os enfeites, os quadros e, em particular, uma bela pintura que se encontrava bem a sua frente.

Era um quadro grande, pintado a óleo e que representava uma imagem de Paris em um final de tarde chuvoso, com ventania e pessoas andando apressadas. Quanto mais perto chegava do quadro, mais se encantava ao ver que as pessoas e representações eram apenas borrões de tinta sem sentido. Quanto mais se afastava da obra, mais nítida ela ficava, era algo impressionante, talvez até uma representação da pintura impressionista, mas isso ele não sabia dizer. Ficou a fitar o quadro, observar seus detalhes, nuances de cores e pequenos indícios que o pintor tivesse colocado justamente para que apenas os olhares mais curiosos fossem capazes de perceber. De tão entretido, não percebeu a chegada de seu pai, que também se manteve em silêncio e observando a obra. Ficaram os dois ali, parados lado a lado, sem perceber a passagem do tempo e nem mesmo a presença do outro.

Após alguns minutos, rompeu pelo ambiente o chamado de Luciana, mãe de Adelino, convocando a família para o jantar. Nesse momento, os dois despertaram do transe em que estavam e sorriram mutuamente ao observarem que estavam a observar o quadro sem perceber a passagem do tempo. Caminharam abraçados em direção da sala de jantar, ainda com a imagem de Paris na mente.

Durante o jantar, Adelino não se conteve e perguntou a Augusto, seu pai, de onde veio aquele bonito quadro, ao qual nunca tinha dado muita atenção e que de repente lhe causou tanta fixação. Augusto explicou que tal obra lhe foi herdada da irmã Carmem, falecida há alguns anos, e que não sabia muitos detalhes sobre sua origem, mas sabia que a obra tinha valor pela beleza que ela transmitia, mas isso não interessava, pois não tinha a menor intenção de vendê-la.

Foram tomar o cafezinho na sala e novamente à frente da obra. Augusto disse sempre ter tido imensa curiosidade pelo quadro, talvez tenha sido esse o motivo de tê-lo herdado. Há anos tenta decifrar o nome do autor, mas é impossível. A única coisa visível é “Paris, 1951”. Ficaram ainda algum tempo conversando sobre a pintura, tentando ligar algum fato ou

conversa que pudesse dar maiores dicas, mas finalmente foram dormir, pois no dia seguinte tinham muito que fazer.

Adelino foi para seu quarto, mas não conseguia tirar o quadro da cabeça. Adormeceu e, de tanta fixação, acabou sonhando ser ele um dos transeuntes da obra, se protegendo do vento e da chuva, daquela tarde em Paris.

Pela manhã, após os metódicos atos matinais, Adelino se dirigiu para a empresa de informática que trabalhava, já com a cabeça direcionada para seus afazeres e responsabilidades. O dia transcorria normalmente, os trabalhos, as pessoas, os contatos e tudo mais do dia-a-dia de um jovem analista de sistemas *trainee* que gostava muito do que fazia. Impossibilitado de ir para casa almoçar, acabou indo comer com alguns colegas num restaurante próximo da firma e, entre um papo e outro acabou comentando sobre o quadro “Paris”. Todos ficaram curiosos, intrigados e também interessados em descobrir mais sobre a obra. Juliano, seu colega mais chegado, sugeriu que procurassem um marchand. Marieta, antiga colega de faculdade de Adelino, já achava que as respostas viriam de algum museu ou comentarista de arte. A entusiasmada estagiária Cláudia já achava que tudo se resolveria após algumas pesquisas na Internet. Acabaram de comer, deram algumas voltas pelo comercio para fazer a digestão e voltaram para o trabalho.

Tudo transcorria normalmente, até que Cláudia entrou esbaforida pela sala de Adelino e, sem dar tempo, já foi contando que tinha feito as primeiras pesquisas na Internet e os resultados eram animadores. Jonas, chefe de Adelino, a princípio ficou meio bronqueado com a esbaforida estagiária, mas resolveu não se intrometer. Adelino, sem querer conter a efervescência de Cláudia, se mostrou animado e interessado, mas disse a ela que seria melhor conversarem a respeito depois do expediente, longe de caras emburradas e outros inconvenientes. Ao final da tarde, minutos antes do término do expediente, lá estava Cláudia, com seus olhos a brilhar e se contendo para contar o resultado de suas novas “surfadas” pela grande rede.

Saíram e foram para um pequeno e discreto restaurante próximo, onde se sentaram. Pediram uma cerveja, um tira-gosto e puseram-se a conversar sobre o assunto. Adelino sentia que tinha despertado um vulcão, tal a energia e inquietude de Cláudia. A conversa foi evoluindo, a efervescência da jovem foi se acalmando e os dois puderam então se conhecer melhor, pois nos dois meses que Cláudia estava na firma, eles

tinham se cruzado por apenas algumas vezes e se conheciam apenas por causa de Marieta.

Já tarde e relativamente bêbados Adelino dividiu um táxi com Cláudia, deixou-a em casa e foi para casa, com a mente a mil, a cabeça dando alguns giros e um cansaço que não tinha se apercebido até aquele momento.

Tão logo chegou em casa, Cláudia foi logo ligando o computador, escrevendo alguns e-mails para internautas amigos seus que vivem na França, já com o intuito de deixá-los disponíveis para possíveis pesquisas. Vagou algumas horas pela WWW buscando informações sobre a França, mais especificamente sobre Paris em 1951, e tentava também localizar imagens de praças de Paris, para que pudesse comparar com a descrita por Adelino e identificar que local era aquele representado pela intrigante obra. Ainda um pouco alterada pelo álcool e bastante cansada, acabou se entregando, desligando tudo e indo dormir.

Na manhã seguinte, Adelino foi direto para a sala, tendo em mãos a máquina fotográfica profissional de seu pai, deu um ajuste de zoom e foco e tirou algumas fotos do quadro. A caminho do serviço, deixou o filme para revelar e se dirigiu para o trabalho. Mal entrou e já foi sendo interpelado pela Cláudia, cheia de descobertas e novidades. Conteve um pouco seu ímpeto, sugerindo que almoçassem juntos e então conversassem. Ligou seu micro, conferiu sua caixa-postal e pôs-se a trabalhar. Mas, não adiantava, sua concentração era mínima, sentia um impulso incontrolável de largar aquilo tudo e ir pesquisar sobre o quadro. Ele não sabia o que era, porque tanta fixação, mas tinha um sentimento estranho que o tirava de seus afazeres profissionais. Teceu alguns comentários a respeito com Marieta, que o aconselhou a tirar o dia de folga e esfriar a cabeça. Foi até Jonas, que compreensivo, lhe concedeu o dia de folga, ainda mais por que a perturbação mental de Adelino ter como base um quadro de Paris, cidade natal de seus pais.

Adelino saiu, foi caminhar um pouco e pensar no que estava lhe acontecendo. Ao passar por um ponto de ônibus, cruzou com uma prima que, por mais que se esforçasse, não conseguia lembrar o nome. Trocaram algumas palavras e continuou sua caminhada. Foi ai que teve a idéia de procurar algum filho ou filha da tia Carmem, a origem de toda a questão do quadro. Ligou para a faculdade em que seu pai lecionava, falou com ele sobre a idéia de procurar os parentes e seu pai achou interessante, passando o endereço de sua prima Quitéria. Apesar de achar que não era hora para

visitas, não pensou duas vezes. Pegou seu carro e foi direto para a casa da prima.

Foi recepcionado pela própria, que deveria estar com seus 40 anos e que foi bastante efusiva em recepcioná-lo. Falaram sobre o passado, as décadas que não se viam - na verdade ele nem se lembrava dela - e outras amenidades familiares. Na primeira oportunidade, Adelino entrou com a conversa do quadro e Quitéria imediatamente mudou de fisionomia, ficou tensa e um pouco irada. Confessou ter cedido o quadro apenas por ter sido essa uma vontade de sua mãe, mas que na verdade gostaria de tê-lo mantido, pois representava muito para ela e para a história da família.

Ele questionava sobre o quadro, perguntava o que seria tão representativo em um quadro, mas não adiantava, Quitéria se esquivava de responder e dava a entender que tal visita estava na hora de terminar. Para não ser deselegante, Adelino agradeceu o café e a atenção e se retirou. Dentro do carro, fez um balanço do caso e viu que ficara ainda mais intrigado e que a resposta de suas indagações só poderia vir do próprio quadro. Dirigiu-se para casa, fez uma pesquisa rápida em seu computador e imprimiu uma listagem dos principais especialistas em arte de sua cidade. Pediu à mãe a liberdade de levar o quadro, que não lhe autorizou, dizendo que somente seu pai poderia lhe conceder tal autorização.

Adelino resolveu buscar as fotos que mandara revelar e identificou na lista um marchand de nome meio afrancesado e se dirigiu para seu endereço. O especialista se mostrou muito interessado na obra, queria adquiri-la. Adelino lhe mostrou que seu interesse era outro. Muito a contragosto, o homem o deixou em paz e o agradeceu com o endereço de um amigo, historiador e grande conhecedor das artes francesas do século XX. Como estava na hora do almoço resolveu passar pela firma para pegar Cláudia para almoçar, pois temia que ela tivesse um troço se ele não aparecesse.

Quando chegou na porta da empresa, Cláudia já estava lhe esperando na portaria, com várias pastas e livros na mão, falando como uma louca e informando que também tinha conseguido a tarde livre. Adelino, praticamente sem abrir a boca, conduziu-a até o carro e foram na direção de algum lugar para almoçarem. Como o historiador que iria procurar trabalhava no Museu de Arte Moderna, escolheu algum restaurante próximo ao local e se dirigiu para lá. Durante esse deslocamento, Cláudia ficou tão magnetizada pelas fotos do quadro que não disse uma só palavra, algo que Adelino nunca tinha presenciado desde que a conheceu.

Durante a refeição, trocaram várias informações, mas na verdade concluíram que estavam era ficando loucos, pois não havia causa para tanta inquietação. Era apenas um quadro, um quadro de meio século e que não tinha nada de tão especial. Só que tal constatação em nada reduziu a vontade de continuar a pesquisa. Havia algo a ser descoberto, pesquisado, resolvido, só que não sabiam o que era. Chegada à hora de abertura do Museu, foram a procura do Dr. Francis, o especialista indicado pelo marchand.

Após uma hora de espera, foram recebidos pelo historiador que ficou vários minutos olhando atentamente para as fotos do quadro. Ele as aproximava dos olhos depois as afastava. Aproximou-se da assinatura com uma lupa, fez algumas anotações, consultou alguns livros e, enquanto isso, os dois estavam a roer unhas de tão ansiosos. Sem mais se conter, Cláudia interrompe o trabalho do Dr. Francis perguntando-o sobre o que estava achando do quadro. O especialista, sentindo a ansiedade do casal, disse que a obra era muito bonita, uma amostra especial da arte francesa do pós-guerra, e que não conhecia aquele autor, mas que com uma pesquisa mais apurada poderia identificá-lo. O mais interessante, segundo ele, é que as tonalidades de cor utilizadas destoam do padrão da época, tornando o quadro intrigante e diferente. Era como se ele quisesse passar uma mensagem ou dizer alguma coisa. Adelino agradeceu o Dr. Francis e concordou em deixar as fotos da obra por alguns dias para análise, mas achava muito difícil atender seu pedido de levar a obra até o museu para que fosse observada mais detalhadamente.

Um pouco aliviados, mas ao mesmo tempo desconsolados, os dois saíram do museu calados e sem rumo. Adelino comentou sobre a prima e sobre sua inquietação ao declarar que por ela não teria doado o quadro a seu pai. Disse que o quadro tinha algo a ver com a história de seus pais e que representava muito para ela. Só que se recusava a passar mais detalhes. Cláudia achou estranho, mas disse que ela deve ter seus motivos. Antes de retornarem ao veículo, deram uma passada em uma livraria e folhearam algumas obras sobre o Impressionismo.

Descobriram que o Impressionismo foi um movimento artístico que se iniciou por volta de 1860, e é tido como o mais importante da arte pictórica do século XIX. Suas principais figuras foram Cezanne, Degas, Manet, Monet, Pizarro, Renoir e Sisley. O impressionista estava interessado no registro objetivo da vida contemporânea, tentando captar uma “impressão” do que os olhos vêem num momento especial. Ao tentar documentar os efeitos da luz sobre várias superfícies, principalmente ao ar

livre, transformaram a pintura, usando cores brilhantes e pinceladas esquemáticas que pareciam confusas e chocantes para os tradicionalistas.

Tais informações confirmavam as suspeitas de que o quadro era “impressionista”. Tratava-se de uma paisagem da vida contemporânea, com efeitos de luzes e cores e uma intenção de registro de um momento especial.

Mas ainda ficavam no ar as perguntas: O que essa obra fazia na casa dos tios de Adelino, sendo que estes não eram apreciadores das artes e viviam em um país tão distante da França? Como esse quadro veio parar em São Paulo? Porque?

Com tantas indagações, Adelino pensou “Só mesmo localizando alguém que além de conhecer história, artes e culturas, tivesse informações sobre sua família”. Foi aí que deu um grito “Eureka!”, quase matando Cláudia de susto. “Elementar minha cara Cláudia, as respostas de nossas indagações estão com meu pai. Ele é formado em filosofia e história e ainda por cima morou algum tempo com a Tia Carmem. Ele pode descobrir alguma coisa”, afinal tem tantas cartas e fotografias da família. Entraram no carro e foram direto para a faculdade em que seu pai lecionava, pois já era hora de sua saída e poderiam dar uma “desinteressada” carona ao cansado professor Augusto.

O pai de Adelino, mesmo estranhando tanta gentileza, entrou no carro, colocou o cinto e agradeceu ter sido poupado de vários cutucões e aglomerações no metrô. Cláudia se apresentou, perguntou algumas amenidades sobre a faculdade e a arte de ser professor, logicamente para ser educada e dar a arrancada para o assunto que interessava: O quadro Paris.

O papo começou e, como esperado, foi sendo direcionado para o assunto desejado. Augusto comentou o rápido e eficiente processo de invasão que os alemães utilizaram para dominar a França, que não teve condições de se defender. A diferença de poderio militar era enorme, fora o know-how de guerra moderna que a Alemanha já tinha desenvolvido até aquele momento da 2ª Guerra. Ocupada e acuada, a França teve suas tropas desarmadas e desmobilizadas, tendo se estabelecido em Londres seu general mais destacado - General de Gaulle, onde iniciou os trabalhos pela recuperação da independência de seu país e pela manutenção de suas alianças. Os franceses sofreram muito ao ver as tropas alemães marcharem diante do Arco do Triunfo, na Praça de l'Étoile. Era como se todos os sonhos tivessem acabado e não houvessem mais saídas. Porém, com o apoio da Inglaterra e das palavras decididas de Churchill, “nós não esmoreceremos nem cairemos. Iremos até o fim. Lutaremos na França, nos mares, nos

oceanos...” o povo iniciou um processo de “resistência”, que com esse nome, foi causando o máximo de desconforto aos invasores, trazendo-lhes prejuízos, atrasos, roubos e desinformações que culminaram anos depois na libertação da França com o apoio dos Aliados.

Essa dor foi ainda mais profunda devido à extrema devoção que o povo Francês tem por seu país, sua história e seus patrimônios. Foram anos de feridas nos sentimentos mais profundos de um povo que soube resistir e acreditar em tempos melhores, mesmo tendo poucos motivos para tal.

Passada a guerra, vieram anos de recuperação, de reconstrução, tanto física quanto psicológica. Os seis anos da 2ª Grande Guerra foram terríveis, principalmente para a Europa, que foi o grande palco desse estúpido acontecimento contemporâneo. A França no final da década de 40 e início de 50, tal qual os demais países europeus, passavam por um momento de mudança de paradigma, onde eram deixados os dogmas e mandamentos do século XIX e acatadas as novidades do século XX e as promessas do século XXI. Era a transição, o fim de uma era e o início da chamada “guerra fria”, dividindo o mundo entre os países “atômicos” e “não atômicos”.

O papo foi interrompido, pois acabavam de chegar à casa de Adelino, com todos tendo uma sensação de “túnel do tempo”, pois se envolveram profundamente nas palavras do Sr. Augusto. Entraram e, após um lanche, foram para a sala continuar a conversa, agora também com a companhia de Luciana. Ao entrarem, todos sentiram a presença do quadro, pois era nítida sua imagem na parede. Adelino comentou o dia estranho e corrido que teve em companhia de Cláudia, onde os acontecimentos, as descobertas e as novidades o impediram de ver que o dia se consumia e que a 6ª feira estava a se acabar. Sentia-se cansado, porém satisfeito em ter investido seu tempo nessa estranha história do quadro.

Foi aí que virou para seu pai e perguntou se não tinha como pesquisar a respeito do quadro. Augusto foi ao escritório e trouxe algumas caixas e álbuns da família Portino.

Começaram então a folhear e pesquisar todo o material. Ao ver as fotos, Augusto começou a usá-las para contar suas lembranças, contando sobre o tempo em que veio para a capital estudar e dos meses que passou na casa de sua irmã Carmem. Era impressionante, pois nessa época, não podia passar pelo quadro de Paris que ficava a fitá-lo, quase que hipnotizado. Sua irmã sempre dizia “O que tanto olhas Augusto? Achas que o quadro mudou de ontem para hoje?”. Ele sorria para ela, mas era incapaz de explicar o fascínio que o quadro lhe proporcionava.

Um dia, de tão intrigado pelo quadro, perguntei à irmã sobre sua origem e ela me respondeu dizendo tê-lo ganhado de um desconhecido.

Contou então uma história estranha, de um rapaz que tocou a campainha da casa de seus pais em Curitiba e a entregou o quadro, dizendo apenas que tinha sido incumbido de fazê-lo. Ela, uma jovem ainda criança, simplesmente agradeceu e se despediu do estranho, que nunca mais apareceu.

Quando seus pais chegaram, viram aquele belo quadro no chão da sala de estar e pelo que ela contou, acharam que deveria ser algum engano. Em alguns dias o equívoco seria sanado, com o despachante ou o verdadeiro destinatário batendo à sua porta. Porém, disseram à menina Carmem que caso ninguém aparecesse o quadro seria dela, pois foi ela que o recebeu. Ela confessou que rezava todos os dias para que ninguém fosse buscar a obra, e parece que suas preces valeram, pois até hoje a origem do quadro é uma incógnita.

Porém, essa história tem algo estranho, esse acontecimento foi em 1946 e com se pode notar, o quadro tem acima da assinatura do autor a frase “Paris - 1951”. Esse é mais um dos mistérios dessa obra. Uma coisa intrigante e que todos os que iam à casa de meus pais, além de ficarem encantados pelo quadro, ficavam curiosos ao ver a data do quadro. Houveram muitas brincadeiras a respeito, diziam que ele era um quadro que veio do futuro através de uma máquina do tempo; outros diziam que “Paris - 1951” era uma senha secreta que daria acesso a fortunas na Suíça; Uns mais esotéricos, diziam que era um aviso à família Portino de que deveriam se preparar para grandes acontecimentos no ano de 1951. O fato, é que pouco tempo depois eu nasci e passei a ser a atenção da casa, deixando o quadro pendurado na parede e sem dar-lhe muita importância.

Carmem ao se casar, levou o quadro para sua casa, onde ficou até sua morte. Em seus últimos dias, já bastante doente, mas lembrando-se de minha fascinação pelo quadro, resolveu me presentear-lo. Fiquei muito feliz com o presente, pois ele sempre me cativou, mas acima de tudo, me traz boas lembranças de minha irmã Carmem. Fechou o álbum dizendo “*Adelino, isso é tudo que sei a respeito. Será que te ajudei?*”.

Adelino sorri para o pai, levanta as sobancelhas e diz: “O mistério do quadro Paris permanece”. No fundo ele deixava no ar a impressão de que não há o que fazer. Na verdade, Adelino achava que não valia a pena comprometer seu trabalho dando atenção a um quadro que estava na sala de sua casa, não interessando muito como ele foi parar lá.

Meses se passaram e Adelino se contentou em não saber do passado. O mistério foi aceito e o quadro permanecia ali com sua beleza enigmática.

Após desistir das investigações, Adelino e Cláudia continuaram a se encontrar fora do serviço. E de uma grande amizade surgiu um grande amor. Namoraram ainda por dois anos e decidiram se casar.

ARGENTINA, 1975

Alan Cenigatte adoece. Gorette deixa Matheus em São Paulo cuidando das pesquisas e de seus dois filhos, e decide passar o tempo que fosse necessário com seu pai. Eles há muito não se viam. O trabalho, os compromissos, a luta pelo conforto e dinheiro os havia afastado por muitos anos. Talvez o trabalho excessivo, a morte de Valerie no ano anterior e a distância dos filhos o tenha adoecido. A vida parecia ter perdido a graça para Alan e com essa brecha, o câncer se instalou. Leroi também foi ao encontro do pai - deixou sua esposa e seu emprego em Córdoba a fim de cuidar do pai em Buenos Aires.

Cenigatte ficou muito feliz em ver a família junta novamente. Mesmo com uma situação tão difícil, conversavam, matavam a saudade de tantos anos e sorriram a ponto de enfraquecer o espírito mórbido e deprimido de Alan.

Em uma das conversas desinteressadas sobre o passado, Alan os lembrou da história do quadro “Paris”, contando detalhes já esquecidos por eles. Os diamantes puseram sonhos na cabeça de Leroi e Gorette, mas a dor daquele momento deixou estes sonhos meio de lado.

A doença já irreversível fez com que em poucas semanas Alan morresse. A tristeza tomou conta dos filhos por alguns meses; depois ficou a eterna saudade.

Leroi e Gorette cuidaram dos papéis e documentos relativos aos bens e propriedades de Cenigatte, venderam a casa, repartiram alguns pertences e selecionaram alguns quadros para eles, doando os demais para o museu de Buenos Aires, que abriu uma ala somente para expor as obras de Alan Cenigatte. Voltaram para suas vidas e passaram a trocar correspondências cada vez mais espassadas.

SÃO PAULO – 2002

Grande movimentação na Casa de Cultura com o lançamento do livro “Diamantes de Sangue” de Fernando Cenigatte Calado. Ao lado da mãe,

Marie Gorette, o autor autografa seu livro que é uma mistura de romance e biografia da família. Fernando conta a saga de seus avós na Europa e no sul do Brasil, com passagens que remetem à 2^a. Guerra mundial e que descrevem parte do processo de colonização do estado do Paraná. Toda a trama gira em torno do rapto de sua mãe e o desaparecimento de um quadro que retratava Paris, cuja última notícia existente data de 1946 e que possui algo muito especial: uma fortuna em diamantes escondidos em sua moldura.

Cláudia, uma verdadeira devoradora de informação, deixa Adelino dormindo e vai conectar à Internet para saber as últimas novidades. Entra em um dos grandes portais brasileiros e na seção livros, vê a sinopse do livro “Diamantes de Sangue”. Fica intrigada com a alusão a um quadro que retrata Paris e que se encontra desaparecido. Sem perturbar o sono de Adelino, troca de roupa e sai em direção à livraria mais próxima. Compra o livro de Fernando Calado e volta para casa ansiosa por devora-lo.

Entra em casa, joga a bolsa na cadeira e se joga na poltrona já rasgando a sacola que continha o livro. Começa a lê-lo e consegue se conter do ímpeto de ir acordar Adelino e lhe contar o que acontece. Passou três horas totalmente mergulhada na leitura, não tendo percebido que Adelino havia se levantado, tomado banho e que se aproximava dela perguntando se ela não desejava um café. Ela responde apenas sinalizando com a cabeça e segue na leitura das últimas páginas.

Adelino retorna com o café e encontra Cláudia paralisada olhando em sua direção. Achou que ela estivesse tendo um ataque ou coisa do tipo. Coloca rapidamente a bandeja sob a mesa e senta ao lado dela para ver o que se passa. Coloca as duas mãos nos ombros dela e pergunta o que está havendo. Ela apenas diz: “Você não vai acreditar o que eu acabo de descobrir!”. Curioso Adelino pede para que ela fale logo, pois está com o coração disparado. Cláudia apenas lhe pergunta: “O quadro Paris continua na sala da casa de seus pais?”. Ele confirma e ela grita “Estamos ricos!”.

Adelino sorri assustado e diz que o quadro deve valer alguma coisa, mas não é uma obra tão valiosa assim. Cláudia o interrompe dizendo que ele esconde uma fortuna em diamantes. Adelino sorri, coloca a mão na testa de Cláudia e pergunta se ela não está delirando. Ela diz que é difícil explicar. Que seria melhor ele ler o livro para que depois conversassem. Adelino achou aquilo muito esquisito, mas Cláudia estava tão abalada que ele não quis discutir. Pegou o livro e começou a lê-lo.

Cláudia foi tomar um banho e se acalmar. Enquanto isso, Adelino nem piscava perante o livro que contava uma estória incrível e que tinha um elo com a sua própria história, ou melhor, com a história de sua família.

O livro é fechado e os dois ficam se entreolhando. Não estão acreditando no que estava acontecendo. Seria realidade ou ficção o que leram no livro? E a coincidência da entrega do quadro a uma criança? Só havia um meio de saber: conferir o quadro.

Saíram apressados em direção à casa de Augusto e Luciana. Seus pais ficaram gratos e surpresos com a visita, mas ficaram ainda mais espantados com a inquietação e ansiedade dos dois. Sentaram-se os quatro na sala de jantar e começaram a contar aos pais de Adelino a incrível história do livro, a coincidência da entrega do quadro a uma criança e o fato do quadro ser recheado de diamantes. Augusto e Luciana não acreditavam no que estavam ouvindo. O quadro Paris esconde uma fortuna em diamantes e sua estória está manchada de sangue?

Atônitos, se dirigem para a sala de estar onde o quadro fica exposto. Adelino e Cláudia, que já haviam lido o livro, ficam perplexos perante o quadro. Ele é muito parecido com a descrição existente no livro e no quadro amarelo lê-se o nome “Leroi”, que é o nome do tio do autor do livro. Sem darem uma palavra, se aproximam do quadro, o tiram da parede e observam sua moldura em busca de algum sinal. Não vêem nada de estranho. Decidem que irão abrir a moldura. Começam retirando a tela da moldura e começam literalmente a destruí-la. Notam que algo duro está presente nos pedaços da moldura, começam a reduzir esses pedaços na busca dos diamantes. Algo brilhante aponta em um dos pedaços, sorriem de felicidade e ao limpá-lo, descobrem que se trata de um pedaço de vidro. Abrem outros pedaços da moldura e só o que acham são cacos de vidro. Nada de diamante. Adelino então fala a celebre frase: “O mistério do quadro Paris permanece”.

Paris - 2002

A antiga casa do marceneiro Michel ficara abandonada após seu misterioso assassinato por alguns anos. Terminada a guerra, algumas famílias voltaram para Paris e como a casa se mantinha fechada, uma delas acabou por ocupa-la. Aproveitaram os móveis e tudo que a casa oferecia e por ali ficaram. Por volta de 1970, uma grande empresa de construção decidiu construir um grande estádio de futebol no local e a casa de Michel e várias da vizinhança foram adquiridas pela grande construtora. A família que

ocupava a casa foi muito bem remunerada e achou por bem doar alguns os móveis da casa para instituições de caridade.

Esses móveis permaneceram em uso no orfanato de Santo Agostinho por décadas até que, já muito velhos, resolveram quebrá-los para fazer lenha e usa-la no aquecimento do prédio. Ai surge a grande surpresa do destino: Na mesa que era usada na sala de Michel, havia uma fortuna em diamantes que foram recebidos com muita felicidade por todos do orfanato. O endividado marceneiro Michel, que não esperava ser morto após o serviço encomendado pelo coronel, havia feito duas misturas de cola e serragem: uma recheada de cacos de vidro que foram para o quadro e outra com os diamantes que foram cuidadosa e rapidamente instalada na parte de baixo do tampo da mesa de jantar de sua sala. Sua idéia seria de que tão logo o coronel saísse com o quadro de sua casa, ele iria juntar suas coisas, pegar os diamantes e desaparecer junto com Valerie. Mas, o coronel frustrou seus planos ao lhe desferir um tiro certo por entre os olhos.

O destino por vezes brinca com as pessoas. Os diamantes que seriam a paz e a garantia de sossego e conforto de um nazista cruel e assassino, acabou sendo o grande alento de dezenas de órfãos que puderam ter uma vida muito mais digna e feliz. Viva Paris!!!

Fim.

Proibido todo e qualquer uso comercial.
Se você pagou por esse livro
VOCÊ FOI ROUBADO!
Você tem este e muitos outros títulos GRÁTIS
direto na fonte:
eBooksBrasil.org

©2006 — Henrique José Castelo Branco
hcastelo@onda.com.br - <http://web.onda.com.br/hcastelo>

Versão para eBook
eBooksBrasil.org

Janeiro 2006